



Agricultura Familiar:

Pesquisa, Formação e Desenvolvimento

RAF. v.17, nº 01 e 02 / jan-dez 2023, ISSN 1414-0810 / E-ISSN 2675-7710

UM SEMEADOR NA FLORESTA DAS LETRAS¹

Gutemberg Armando Diniz Guerra

VIEIRA, Paulo. **Tao Te Xingu**. Belém: Mezanino Editorial, 2024

A inserção de Paulo Vieira no Xingu lhe potencializou com a energia do grande e mágico rio, dos infinitos igarapés afluentes que correm sobre pedras preciosas e abrigam fauna e flora ricas em variedades de espécies e cores muitas. Ali ele encontrou um filão de quilate elevado para incrustar em sua criatividade que se espraia pela literatura, música, teatralização e animações na forma de vídeos que vão enriquecendo sua obra e, muito mais do que isso, ele vai partilhando essa experiência existencial com seus alunos e parceiros de poesia e aprendizado como um semeador generoso. Ele tem uma personalidade e formação multifacetada, com trajetória acadêmica paraense que vai de uma graduação em Engenharia Florestal na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), passa para um mestrado em Agriculturas Familiares Amazônicas na Universidade Federal do Pará (INEAF/UFPA) com uma dissertação que trata sobre a biodiversidade de áreas de capoeira e se amplia indo para a Universidade de São Paulo (USP) onde investe em um doutorado em literatura defendendo uma tese sobre a obra do poeta Max Martins.

Sobrevivendo originalmente de consultorias ligadas à sua graduação, finda por fazer um concurso para professor universitário e se aloca no Campus da Universidade Federal do Pará em Altamira, onde passa a atuar cobrindo cursos como o de Educação do Campo, Letras e outros que lhe abram as portas para versejar nas ondas do aprendizado da vida e dessa nossa rica Língua Portuguesa abasileirada.

O fato é que o engenheiro florestal virou um fauno a ensinar e aprender nos caminhos da mata e dos rios, o ritmo dos versos rebeldes e livres, do melhor padrão estético, associando elementos que fazem dos ambientes que frequenta territórios imantados de luz e boas energias que induze à crítica e sustentabilidade.

Esse livro em poemas que agora me cai nas mãos em junho como um verdadeiro presente de aniversário, suscita não apenas essa resenha, mas prolonga um diálogo interminável com o escritor que, se medido o tempo de nossa amizade e interação

¹ Submetida a Revista Agricultura Familiar em julho de 2024 e encaminhada para ser feita uma versão em espanhol para uma Revista da Colômbia.

acadêmico literária, vai aí para mais de duas décadas.

No dia do lançamento de *Tao Te Xingu* pude estar presente na Livraria Travessia com um seleto grupo de amigos comuns. Cheguei ainda a tempo de ouvir Daniel da Rocha Leite a mediar indagações dos presentes e presenciar o Paulo Vieira radiante a fazer sua performance. Ele trajava indumentária preparada para a ocasião por Alcimara Braga, uma estilista sensível ao modelo que o poeta pode ser. Pude ouvir seus convidados a fazer leitura declamada de versos escolhidos para celebrar o nascimento desse sexto (nunca bissexto) livro de poesias do bardo. Saí de lá com a alma plena de poesia embora com a tarefa de apaziguar o filho a me ralhar por lhe ter feito esperar tanto naquele parto de livro de gente grande, madura e feliz por se encontrar em noite de luz no porão. Apesar do desconforto temporário do pequeno, foi um evento inesquecível também para ele, que viu uma performance cuja memória lhe fará esquecer a fome e lhe dará mais apetite para os versos e as representações de nosso mundo amazônico.

Lendo os versos na calma do aposento como quem degusta iguarias regionais, encontrei a alma do engenheiro florestal em troncos, cascas, folhas, flores, sementes, rios, pedras, concretos, araras, piuns, cheiros, imagens, ruídos, gostos e toques de muitos seres e cenários que povoam a região. Ele se inspira e dele transpiram ritmos no seu palavreado de animal humano integrado à ambiência que lhe faz vibrar.

Justamente no meio do livro, entre as páginas 29 e 33 desabrocha um erotismo ora fino, zen, a revelar a musa disfarçada de acaso cuja graça é seu encantar o que vem muito bem dito nas estrofes que cito:

versos mortos
sem alfabeto

dia sem sol
deserto

na hora
do poema
do nada
pensei em ti
(acaso/coincidência?)

pouso o verso
nos teus olhos
de madeira e mel



e nem ousar falar
dos contornos

dessa tua
boca

nem dos teus ombros
de orquídea
louca.

O erotismo não se cristaliza ali no meio, não se acomoda e, às vezes se adianta e se arrisca em quase pornografia por conta da intensidade que alguma (ou serão algumas?) musa (ou musas?) lhe instigam a explicitar seu desejo de fricção e ato sexual selvagem em palavras quase gestos. É a poesia explodindo em gozos deleitosos, tentando mascarar o impossível arrebatamento da paixão.

O livro todo é um caminhar descalço e nu em cima de um terreno celeremente devastado, ora em brasa, ora úmido, por um movimento de transformações em que impera a violência do homem contra tudo e todos, inclusive contra si mesmo, em nome do lucro disfarçado de progresso, ou de progresso fantasiado de lucro, ou os dois de mãos dadas a rir da desgraça alheia. O verso de Paulo Vieira é resistência, soa dissonante e não se sabe até quando será tolerado pois que incomoda, incita, excita, arrebanha, recruta e propõe sublevações da ordem e de vereditos autoritários e castradores que se fizeram esqueleto da sociedade brasileira e amazônica.

A obra de Paulo Vieira é toda madura, ou maturada, no seu exercício ousado de dizer o não dito, de revelar o velado pelo medo, ameaça e arremedo. De sua lavra esse sexto livro de poesia não é mais nem menos poético do que os outros que expôs em prosa e menos ou mais ainda do que suas performances, nem sempre registradas em veículos físicos, de professor, ator, compositor, cantor, facilitador, abridor de mentes e corações.

Essa resenha pede que se indique, desse paraense nascido em São Miguel do Guamá e cidadão do mundo, os livros anteriores, a maioria premiada em certames pelo país: *Infância vegetal* (Prêmio IAP, 2004), *Orquídeas anarquistas* (Prêmio IAP, 2007), *Livro para pescaria com linha de horizonte* (Prêmio CCMQ, em tinta e braile, 2008), *Livro para distração na tragédia* (Prêmio FCP, 2008), *Retruque* (Prêmio FUNARTE, 2010), *Peso Vero* (conto e poesia com Daniel da Rocha Leite, Prêmio BASA, 2011), *Pablo no*



mundo das nuvens (Prêmio FCP, 2016), *Arte, Erotismo, Natureza e Amizade – Os diários de Max Martins* (2017), *Belebrada* (2019) e *Vieiranembeira – Poemas escolhidos pelo autor*, 2022).

Qualquer que seja o que caia sob os olhos do leitor, haverá faíscas e promessas de um diálogo proveitoso e instigante como o poema que segue encerrando a coletânea na página 77:

quando penso em desistir
vem aquele silêncio
de quem não quer partir
vem aquela coragem
com a faca entre os dentes
vem qualquer alegria
besta inconsequente
vem você
com seu sorriso
de ipê

Confirmam, tomem coragem e manifestem-se.